

Maria: modelo de discípula no evangelho de Lucas

Jackson Câmara Silva*

RESUMO: A veneração e o respeito à Maria acontece desde o início do cristianismo, uma vez que ela esteve presente na vida de Jesus e de seus discípulos. Desde os primeiros dogmas na Antiguidade à disseminação das “Nossas Senhoras” pelos institutos religiosos. Ao longo dos séculos, surgiram inúmeras práticas devocionais que incrementaram a devoção mariana. Entretanto, no séc. XX, marcado pelos movimentos litúrgico, ecumênico e bíblico, a figura de Maria ligada ao mistério de Cristo e da Igreja ganha ênfase no Concílio Vaticano II, sobretudo destacando sua missão na economia da salvação. Na linha de um enfoque bíblico e partindo do Evangelho segundo Lucas, este trabalho pretende uma aproximação de Maria como modelo de discípula de Cristo. Por mais que o terceiro evangelho seja o que mais apresente relatos de Maria, sabemos que sua catequese procura traçar o perfil do genuíno seguidor de Jesus como aquele que ouve, guarda e dá frutos de perseverança na Palavra de Deus (Lc 8,15). Desse modo, nosso estudo analisa tais características procurando já no Antigo Testamento o significado de ouvir a Palavra de Deus, cultivá-la no coração e dar frutos pela perseverança, entremeando as práticas de Maria narradas na obra lucana que a confirma como verdadeira discípula. O tema convida, por um lado, a tornar a realidade da mãe de Jesus mais próxima de nós e, por outro, a tomar consciência do nosso papel enquanto verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Maria. Discípula. Lucas. Deus.

* Mestrando em teologia bíblica pela FAJE: irjackson.nj@gmail.com.

Introdução

A veneração e o respeito à Maria já vêm de longas datas, uma vez que ela esteve presente na vida de Jesus e posteriormente na vida dos primeiros discípulos.

Além dos dogmas da Mãe de Deus e da Virgindade Perpétua na Antiguidade, ao longo dos séculos surgiram inúmeras práticas devocionais que, impulsionadas pela reação católica à Reforma, incrementaram a devoção mariana. Não bastasse a disseminação das “Nossas Senhoras” pelos institutos religiosos e o aparecimento de uma “Mariologia dos privilégios” nessa época, certo triunfalismo e maximalismo vão se incorporando à devoção mariana no séc. XIX culminando na proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854.

Já no séc. XX, marcado pelos movimentos litúrgico, bíblico e ecumênico, Maria estará ligada ao mistério de Cristo e da Igreja no Concílio Vaticano II, sobretudo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Por mais que na década de 70 ocorresse o minimalismo mariano na Europa e nos EUA, ao ponto do Paulo VI reagir com o documento “*Marialis Cultus*” para esclarecer o verdadeiro papel de Maria na fé católica, no Brasil e em toda a América Latina a figura de Maria é bastante presente. De fato, cada país venera Maria sob um título específico (“Nossa Senhora...”) e a tem como padroeira.

Diante disso, quais as imagens que o povo de Deus tem de Maria? Será que a vê somente como Nossa Senhora, Mãe de Deus e Nossa Mãe? Qual a relação que ele tem com a Mãe de Jesus e quais as questões mais pertinentes sobre ela? Será que alguma vez alguém pensou, além de todos esses títulos, que Maria fosse uma verdadeira discípula de Cristo? O que isso então implicaria na fé dos católicos?

Desse modo, partindo de um enfoque bíblico, especificamente do Evangelho segundo Lucas, tratamos Maria como modelo de discípula de Cristo. Não sendo nosso intuito fazer uma exegese exaustiva das passagens que abordam a mãe de Jesus, analisamos já no Antigo Testamento o significado de *Ouvir a Palavra de Deus, cultivá-la no coração e dar frutos pela perseverança* presente na parábola das sementes (Lc 8,15), vendo as ações de Maria como próprias de uma verdadeira discípula.

1. Maria: aquela que ouve, guarda e dá frutos pela perseverança na Palavra de Deus

A catequese lucana busca traçar o perfil do genuíno seguidor de Jesus. Se em paralelo com os evangelhos sinóticos o terceiro evangelho já relata que o discípulo não está acima do seu senhor (Lc 6,40), que deve amar Jesus mais que aos seus (Lc 14,26) e carregar sua cruz (Lc 14,27), quando parte de seu material próprio (SLc) percebemos outras características peculiares e imprescindíveis do discipulado.

A renúncia aos bens por amor a Deus (Lc 14,28-33), a prontidão na espera do retorno do Mestre (Lc 12,36-38) e a humildade do servo (gr. *douloi*) (Lc 17,7-10), traços exclusivos do evangelho lucano, apontam para a marca principal do verdadeiro discípulo: aquele que ouve, guarda e dá frutos de perseverança na Palavra de Deus (Lc 8,15). Mesmo que essa tríade seja também encontrada nos evangelhos sinóticos, ela se desdobra nos versículos exclusivos de Lucas que tratam: dos verdadeiros parentes de Jesus como “aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põe em prática” (Lc 8,21) e da verdadeira bem aventurança daqueles “que ouvem a palavra de Deus e a observam” (Lc 11,28). Isso nós já observamos no início do evangelho quando nos são apresentados os personagens Zacarias e Isabel: “Ambos eram justos diante de Deus, e de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor” (Lc 1,6).

Por outro lado, Lucas também é o evangelista que mais trata sobre as mulheres. E o único que relata a presença de mulheres que acompanhavam Jesus, assim como os Doze, e que após terem “sido curadas de espíritos malignos e doenças (...) o serviam com seus bens” (Lc 8,2-3). Por isso o papel de Maria merece destaque, até mais que José, que recebe especial destaque na narrativa da infância de Mateus.

O terceiro evangelho é aquele que mais apresenta relatos sobre Maria. São doze referências distribuídas ao longo de sua obra: o relato da anunciação (Lc 1,27.30.34.38), a visitação e o Magnificat (Lc 1,39.41.46.56) e o nascimento de Jesus (Lc 2,5.16.19.34). Assim, perguntamos: seria interesse do evangelista narrar uma simples biografia da Mãe de Jesus? Como aparece a figura de Maria nesses relatos?

Se de um lado o Evangelho segundo Lucas tem o seguimento de Jesus como um de seus principais objetivos e, por outro, é o que mais apresenta relatos sobre Maria, focaremos então nas características de um verdadeiro discípulo de Jesus e verificaremos tais características atribuídas a Maria nos relatos a ela referidos.

Partindo da tríade do ouvir, guardar e dar frutos pela perseverança (Lc 8,15) presentes na parábola das sementes e sua ressonância em Lc 8,21, como modelo de discipulado, aprofundaremos no Antigo Testamento o significado de cada expressão e perceberemos nas ações de Maria narradas na obra lucana modelo de discípula.

1.1 Ouvir a Palavra de Deus

A máxima judaica que se tornou sua principal oração traz o nome *Shemá Ysrael*. Essa é a expressão que inicia Dt 6,4 e indica “Ouve”. O sentido básico do verbo *Shāma* reporta à ação concreta de: escutar, prestar atenção, entender, obedecer a um mandamento (Jr 35,18), ouvir criticamente ou atender uma oração (HARRIS, 1998, p.1586).

Se Deus ouve a murmuração de seu povo (Nm 12,2), assim como responde suas súplicas (Jz 13,9; Ez 8,18; Sl 4,1[2]; 34,17 [18]), Israel por sua vez é chamado a também ouvir atentamente o seu Deus. Essa é a condição da aliança que faz desse povo um

verdadeiro seguidor de YHWH, porque “a palavra está muito perto de ti; está na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática” (Dt 30,14).

No entanto, a quebra da aliança, ou seja, o pecado se dá justamente por Israel não ouvir a Palavra do Senhor (Sl 81,11[12]). Os lábios de Israel (pelos quais se responde a escuta atenta de Deus) tornam-se impuros e seu coração, no qual se guarda seus mandamentos, corruptível e pedregoso.

Diante disso, como uma verdadeira judia, filha de Israel, Maria correspondeu ao chamado que Deus fez outrora a seu povo, ouvindo atentamente sua Palavra. O relato da anunciação mostra que essa escuta não foi de forma passiva e instantânea. Primeiramente, Maria fica intrigada com a saudação do anjo “Alegra-te cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,29). Em um segundo momento, ouvindo a especificidade de sua missão proferida pelo anjo, Maria agora o questiona sobre a forma como isso se desenvolveria. Dirigindo-se a ela pela terceira vez, o anjo especifica agora o modo como se realizaria a missão. Com isso, Maria responde prontamente com aceitação: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segunda sua Palavra”, tornando algo inédito nos relatos de anunciação¹. Aqui o termo “serva” (gr. *hē doulē*) também presente no cântico Magnificat pode remeter a humildade e a prontidão do discípulo para desempenhar uma tarefa como ocorre de modo semelhante em Lc 17,7-10.

Desse modo, se Israel eleito e escolhido (agraciado) por Deus não cumpriu esse chamado, Maria, repleta do favor divino, usufrui da presença permanente de Deus (“O Senhor está contigo!”) que lhe concede não só proteção, mas apresenta sua importante tarefa de Mãe do Salvador e sua seguidora. A resposta de Maria resulta então no abandono e na disposição de assumir sua missão.

Portanto, ao ouvir a Palavra de Deus ela é feliz (gr. *makários*), mas isso ainda não é suficiente, uma vez que o diabo pode arrebatar a Palavra do coração, para que não se creia e não se salve, como acontece com a semente que caiu ao longo do caminho (Lc 8,12). É necessária uma atitude intrínseca do ouvir: *guardar* a Palavra.

1.2 Guardar a Palavra no Coração

A ideia básica da raiz do verbo hebraico *Shāmar* é “exercer grande poder sobre”. Combinado com outros verbos o termo denota: fazer com cuidado, fazer diligentemente, conservar a inteligência (Pr 19,18); ter cuidado para cumprir os estatutos (Dt 11,32).

De fato, o verbo aparece principalmente quando se reporta às obrigações de uma aliança, de leis, de estatutos que se deve ter atenção cuidadosa (Gn 18,19; Ex 20,6; Lv 18,26; Dt 26,16; 28,13 Ez 11,20). Além disso, a palavra também expressa atitude de

¹ Os relatos de anunciação (Gn 16,7; 17,1-20; 18,1-15; Jz 13,3-21; Lc 1,11-20; Mt 1,20-21) geralmente são dispostos de cinco passos: 1) Aparição do Anjo do Senhor (ou do Senhor); 2) Medo ou prostração do visionário diante do sobrenatural; 3) A Mensagem divina; 4) Objeção do visionário ao que vai acontecer ou pedido de um sinal; 5) Um sinal é dado para tranquilizar o visionário (BROWN, R., 2005, p. 185)

alguém que presta atenção ou reverencia Deus ou outras pessoas (Os 4,10; Sl 31,6[7]) (HARRIS, 1998, p.1588).

Nesse sentido *Shāmar* (“guardar, cultivar”) bem parecido com *Shāma*‘ (Ouvir) acabam também se completando ou sendo quase sinônimos. É incompatível ouvir sem guardar. É tanto que a expressão “de todo teu coração e de toda a tua alma” acompanha Dt 26,16 que traz o termo “guardar” assim como Dt 6,4s traz “ouvir” e “amar”. É no coração, sede da consciência, da vontade e da razão do ser humano, assim como “sede das relações humanas frente à atuação de Deus (FITZMEYER, 1981, p.741) onde se deve guardar as leis de Deus (Pr 4,21).

Diante disso, Maria guarda a Palavra de Deus no coração e não é infiel, como Israel ao recusar guardar os mandamentos de Deus (Ex 16,18). Após o nascimento de Jesus, os pastores falam a respeito daquilo que tinham dito acerca do menino Jesus. Enquanto todos ficavam maravilhados com suas palavras, Maria “cultiva, guarda cuidadosamente” (Gr. *syneterein*) tudo isso em seu coração, uma vez que, sendo modelo de fé e de seguimento deve compreender e interpretar (Gr. *syμβállousa*) esses acontecimentos, não de forma especulativa e intelectual, mas com toda sua vontade e adesão ao seu chamado (Lc 2,19).

Já em Lc 2,51, após o reencontro de Jesus no templo aos doze anos, na volta para Nazaré, Maria “conserva” (Gr. *diaterein*) em seu coração tudo o que tem acontecido. O evangelista Lucas com seu grego rebuscado diferencia os verbos para designar o termo hebraico *Shāmar*². O termo grego aqui procura enfatizar a conservação de toda recordação dos fatos vividos por Maria (BOVON, 1995, p. 234), assim como ocorre em Gn 37,11 quando José conservava consigo os sonhos contados a seus irmãos e a seu pai e na versão dos LXX de Dn 4,28, quando Nabucodonosor conservava em seu coração o que Daniel havia falado. Isso aponta para a intenção das personagens compreenderem o significado profundo daquilo contado (FITZMYER, 1981, p. 233).

Com isso, Maria guardou a Palavra em seu “coração nobre e generoso” (gr. *kardia kalē kai agathē*). Entretanto, ao contrário daqueles que ouvem e acolhem com alegria, mas não tem raízes e logo desistem na hora da tentação como ocorre com a semente que cai sobre a pedra e tendo germinada seca por falta de umidade (Lc 8,13), precisa dar o último passo de verdadeira discípula: *produzir frutos pela perseverança* (Lc 8,15)

1.3 Dar frutos pela perseverança

De um modo geral, as referências veterotestamentárias do termo “fruto” (heb. *pérî*) remetem à atividade agrícola de plantar, de semear e de colher, algo bem presente no cotidiano do povo de Israel.

²A maior incidência da versão grega do termo hebraico *shāmar* na LXX se dá pelo verbo *phylasseō*, encontrado em Lc 11,28 que, assim como Lc 8,15 traz a verdadeira bem-aventurança do discípulo: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a guardam”.

Essa palavra acaba sendo utilizada de forma simbólica nas exortações dos profetas e nos Salmos. Israel ouvindo e guardando os preceitos do Senhor é comparado a uma videira magnífica de formar ramos e dar frutos (Ez17,8.23); a uma oliveira verdejante ornada de frutos belos (Jr 11,6); a frutos maduros de verão (Am 8,2). Porém, sendo infiel, os inimigos comerão seus frutos (Ez 25,4). Já nos Salmos, o justo é comparado a uma palmeira que dá frutos (Sl 92,14-15; 1,3), assim como os filhos são fruto do ventre, salário e herança do Senhor (Sl 127,3).

Nos evangelhos, Jesus se utiliza muito da imagem do fruto. *Produzir frutos pela perseverança* (Lc 8,15) é um chamado do verdadeiro discípulo que acaba sendo ilustrado nas várias parábolas e discursos do Mestre quando fala nos frutos: dos vinhateiros homicidas (Mc 12,2//Lc 20,10), da videira (Jo 15), da parábola do semeador (Lc 8,11-15), da figueira (Lc13,6.7.9), da árvore (Lc 6,43.44). Além disso, se o Reino de Deus não for aceito pelo povo eleito, ele será tirado e dado a outro povo que produza muitos frutos (Mt 21,43). De fato, a árvore que não der bom fruto é cortada e lançada fora (Lc 3,9).

Por outro lado, a produção dos frutos pela perseverança (Lc 8,15) acaba se equiparando ao “por em prática a Palavra de Deus” que aparece logo em seguida em Lc 8,21. Isso plenifica não só a conduta de fidelidade à qual Israel é chamado (Dt 28,1-2.13-15), mas também a característica do verdadeiro discípulo.

Desse modo, Maria ouvindo e guardando a Palavra de Deus, responde-a: ““Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segunda sua Palavra” (Lc 1,38). E imediatamente ela põe em prática o que ouviu, guardou e respondeu, saindo apressadamente para visitar e servir sua parenta Isabel (Lc 1,39). O evangelista faz questão de colocar esses versículos em sucessão imediata.

Saudando Maria em sua casa, Isabel, utilizando-se de uma frase tipicamente veterotestamentária “Bendito é fruto de teu ventre” (Lc 1,42b//Gn 14,19-20; 30,2; Lm 2,20; Dt 7,13; 28,4), acaba proferindo uma bênção com sua fonte e sua finalidade no fruto de Maria. Se na concepção antiga a dignidade de uma mulher é conferida pelo seu filho (BOVON, 1995, p. 127), Maria é bendita entre todas as mulheres devido a Jesus. Além disso, comprometendo-se com Deus torna-se fecunda. Como verdadeira discípula Ela é feliz porque acreditou, ou seja, teve fé na Palavra do Senhor que foi cumprida (Lc 1,45).

Perseverando então na fé, desde seu chamado e caminhando no discipulado com Jesus, Maria não sufoca a Palavra de Deus como acontece com a semente que caiu no meio dos espinhos e foi abafada (Lc 8,14). Ela produz frutos pela perseverança³ e chega assim à maturidade, tornando-se uma figura exemplar na continuidade da missão do anúncio da Boa Nova com os primeiros discípulos.

³ O termo grego *enhypononê*, é acrescido por Lucas ao verbo “frutificar” que aparece nos sinóticos em forma de rendimento de produção (Mt13,23; Mc 4,20). Isso pode sugerir a idéia de caminhada, característica marcante da obralucana.

Conclusão

A figura de Maria é indispensável e marcante na vida dos católicos desde os primeiros séculos. Os dogmas, os ícones, os estudos e as devoções manifestam as várias formas dos fiéis se relacionarem com a Mãe de Jesus.

Se as imagens acerca de Maria como Mãe de Jesus, Nossa Senhora, Intercessora, Mãe de Deus e da Igreja, Virgem, Imaculada e Santa são aquelas que mais se destacam, sobretudo no contexto latino-americano, apresentamos Maria como modelo de verdadeira discípula de Jesus em torno do Evangelho segundo Lucas.

Baseando-se na característica do modelo de discípulo presente em Lc 8,15, aprofundamos cada uma das três palavras-chaves (ouvir, guardar e produzir frutos pela perseverança). Buscamos o sentido mais original dos termos retomando a tradição veterotestamentária para interligá-las às práticas de Maria narradas na obra lucana. Com isso, além de confirmarmos Maria como modelo de verdadeira discípula, também percebemos sua fidelidade como verdadeira filha de Israel em contraposição à infidelidade de seu povo que não ouviu, não guardou e por isso tiveram seus frutos estragados pelos inimigos.

Resgatar a figura de Maria como verdadeira discípula que ouve, guarda e produz frutos pela perseverança, pondo a Palavra de Deus em prática frente às imagens mais populares, convida os católicos a ultrapassar um devocionismo muitas vezes sem compromisso. Em perspectiva ecumênica, certamente a imagem de Maria enquanto discípula pode ser a mais indicada para um diálogo fecundo entre os cristãos, uma vez que traz a centralidade na Palavra de Deus. E em um mundo tão marcado pelo masculino, sobretudo centralizando-se na figura dos apóstolos, emerge e valoriza a imagem do feminino para um discipulado cada vez mais protagonista.

É claro que essa imagem longe de excluir, acaba sendo abertura para as demais, sobretudo, por sua humildade, trazendo consigo o sinal de Deus na opção pelos pobres (Lc 1,26; 2,12; 2,24). Desse modo, a exemplo de Maria, somos chamados a peregrinar na fé, assumindo o compromisso de verdadeiros seguidores de Jesus.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. 3ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOVON, Francois. *El Evangeliosegun San Lucas I: Lc 1 – 9*. Salamanca: Sigueme, 1995.

BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentários das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 305-412; 563-594.

COLERIDGE, Mark. *Nueva Lectura de La Infancia de Jesús: La narrativa como cristologia em Lucas 1 – 2*. Córdoba: Ediciones El Almendro de Córdoba, 1993.

FITZMYER, Joseph A.. *El Evangelio segun San Lucas II: traduccion y comentário – capítulos 1 – 8,21*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

HARRIS, R. Laird (Org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, 2012.